

DESMONTAGEM LITERÁRIA DE CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM DIA D DE LEITURAS E ESCRITA CRIATIVAS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

Resumo: Enquanto a sociedade cria padrões para eleger leitura e escrita adequadas, a literatura rompe com as normas e vai além, ao girar saberes e multiplicar sentidos. Este texto tem como objetivo discutir a importância da literatura transgressora de Conceição Evaristo para formação, informação e transformação de leitores e leitoras do município de Iaçú, Bahia. Através de uma abordagem intersemiótica (BARTHES, 2001) e sob a perspectiva desconstrutivista (DERRIDA, 2014), utilizamos o livro de contos *Olhos d'água*, Conceição Evaristo (2016) para leituras, desleituras, oficinas literárias e encontros formativos com coordenadores pedagógicos das escolas de Educação Básica da Rede Municipal. A partir da capacitação dos coordenadores pedagógicos, as escolas municipais se mobilizaram para conhecer a autora/obra de forma mais consistente para promoção de um Dia D da leitura de Conceição Evaristo. Através das pesquisadoras Jailma dos Santos Pedreira Moreira, Áurea da Silva Pereira e Heleieth Saffioti, a discussão de gênero se consolidou, possibilitando apontar alguns resultados: quebra de preconceitos com a literatura não-canônica, produção textual criativa como fruto de desmontagem das oficinas literárias, e formação do leitor.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Educação Básica. Escrita transgressora.

¹ Doutoranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), escritora de contos infantis. Endereço eletrônico mrs.bamorim@yahoo.com.br / beth.criticacultural@gmail.com.

LITERARY DISASSEMBLY OF TALES BY CONCEIÇÃO EVARISTO: A D-DAY OF CREATIVE READING AND WRITING

Abstract: While society creates standards to choose adequate reading and writing, literature breaks with norms and goes beyond, by rotating knowledge and multiplying meanings. This text aims to discuss the importance of the transgressive literature of Conceição Evaristo for the formation, information and transformation of readers at laço city, Bahia. Through an intersemiotic approach (BARTHES, 2001) and from a deconstructive perspective (DERRIDA, 2014), we used the short story book *Olhos d'água*, Conceição Evaristo (2016) to the readings, misreadings, literary workshops and formative meetings with pedagogical coordinators from schools of Basic Education of the Municipal Network. Based on the training of pedagogical coordinators, municipal schools mobilized to get to know the author/work more consistently to promote a D-Day of the reading by Conceição Evaristo. Through the researchers Jailma dos Santos Pedreira Moreira, Áurea da Silva Pereira and Heleieith Saffiotti, the gender discussion was consolidated, making it possible to point out some results: breaking of prejudices with non-canonical literature, creative textual production as a result of dismantling literary workshops, and formation of the reader.

Keywords: Conceição Evaristo. Basic Education. Transgressive writing.

Introdução — “Por que lemos Conceição Evaristo?”

As nossas escolas públicas da Educação Básica passam por momentos transitórios de mudanças, através dos quais nem sempre a ação torna-se agradável aos olhos alheios. Porque mudança gera inquietação, deslocamento, descon-

trução, ousadia, investimento e muitas linguagens em movimento, inclusive o discurso do negacionismo. E quando propusemos trazer para a mesa a escrita transgressora a partir da leitura dos contos do livro “Olho d’água”, de Conceição Evaristo, significa dizer que não nos intimidamos diante dos livros “fora das prateleiras” das escolas públicas, mas inquietamos, sim, com as mortes de negros e negras estigmatizados por causa da pele escura, da pobreza e da invisibilidade social.

O ensino da literatura na Educação Básica não pode permanecer preso aos livros didáticos, todavia ao ir além para promover a transgressão, rompe com as amarras para que novos e diferentes caminhos sejam percorridos e refletidos, só assim mudaremos as estatísticas do ensino brasileiro. E levar Conceição Evaristo para sala de aula de todas as escolas públicas da rede municipal da cidade de Iaçú, localizada no Território Piemonte do Paraguaçu, Estado da Bahia, foi a forma que encontramos para informar a comunidade educacional que há literaturas que precisam de leitores e multiplicadores, há livros excelentes que não estão nas nossas bibliotecas, há negros e negras morrendo a cada hora por conta da discriminação racial, há muitas vítimas de balas perdidas por falta de segurança pública, há um grito de resistência ecoado das literaturas decoloniais, e por conta desse grito este texto se justifica.

Este artigo tem como objetivo discutir a importância da literatura decolonial da escritora Conceição Evaristo para a formação, informação e transformação de leitores e leitoras no município de Iaçú, estado da Bahia. Por conseguinte, a metodologia utilizada se deu a partir dos encontros formativos e informativos com coordenadores pedagógicos municipais, oficinas de leituras e desleituras de contos de Conceição Evaristo, palestra e implementação de momento cultural nas escolas para socialização dos resultados. Pensando nas táticas de desmontagem do literário conseguimos diminuir as

resistências fazendo com que mais leitores se interessem pelas obras de Conceição Evaristo, a escritora mineira, nascida numa favela da Zona Sul de Belo Horizonte, Mestre em Literatura Brasileira (PUC/Rio) e Doutora em Literatura Comparada (Universidade Federal Fluminense).

O livro de contos *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, desde 2014, ano da primeira publicação, chama a atenção por conta da escrita forte em que o cenário se apresenta sem espaço para o negro pobre oriundo da favela, o convívio com a morte é constante nas narrativas. Desse modo, este texto foi estruturado em três seções a saber: A primeira seção intitulada “Olhos d'água, de Conceição Evaristo, e as diferentes faces da violência racial”, na qual os contos *Ana Davenga*, *Duzu — Querença e Maria* servirão de estudos críticos culturais para explorar as formas da sociedade brasileira se desfazer da mulher pobre, invisibilizando-a social e/ ou fisicamente. A segunda seção “A desmontagem literária de contos de Conceição Evaristo” — a partir das leituras e desleituras de contos que precisariam atingir um público maior e, através da junção Literatura e Semiótica foi possível multiplicar os sentidos dos textos e atrair mais leitores para os contos. Por fim, a terceira seção “Rompendo o preconceito: Dia D de Conceição Evaristo para todas as idades” — trata-se da socialização crítica da culminância do projeto de leitura de contos de Conceição Evaristo desenvolvido durante dois meses na cidade de laço no ano de 2018, cujos pontos positivos e negativos são abordados. Ah, a importância de fazer a literatura de Conceição Evaristo nas escolas é também por causa dos incômodos que ela causa, uma leitura que desassossega, inquieta e puxa algumas máscaras. Seguimos.

Olhos d'água, de Conceição Evaristo, e as diferentes faces da violência racial

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.
(João Cabral de Melo Neto, 1955)².

Ao pensarmos na quantidade de textos literários em prosas ou em versos que dramatizam a morte, o famoso poema “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, adaptado para o cinema, teatro, animação entre outros, mostra o quanto os retirantes padecem do mesmo problema; uma vida de restrições e mortes atravessam o caminho. No entanto, deixamos os versos para outra ocasião, e focaremos na prosa crítica, forte e inigualável oriunda das escriturísticas da escritora mineira Conceição Evaristo, e com certeza, teremos motivos para ficarmos com os “olhos d’água” diante das narrativas protagonizadas por negros e negras, uma vez que as estatísticas de violências por questão racial revelam números alarmantes.

Maria da Conceição Evaristo de Brito ou simplesmente Conceição Evaristo, nasceu em Belo Horizonte em 1946, linguista e escritora, autora de Ponciá Vicêncio (2003), Becos da memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres: contos (2011), Olhos d’água (2014), Canção para ninar menino grande (2018) entre outros. Todavia, discutiremos “Olhos d’água”, lançado pela primeira vez em 2014, trata-se de um livro composto por quinze contos, nos quais a invisibilidade, a morte, a discriminação racial são marcas das narrativas, a morte aqui, refere-se a perda afetiva e/ou definitiva de al-

² João Cabral de Melo Neto (1920-1999), poeta brasileiro, pernambucano, publicou o livro de poemas regionalista em 1955. O poema retrata a dramática vida de um retirante nordestino que convive com a morte constantemente ao longo da jornada, mesmo assim, diante do espetáculo do nascimento de uma criança, celebra a vida.

guém, por consequência do preconceito racial e a ausência de empatia. Mbembe (2016) no ensaio sobre a necropolítica diz:

Que a 'raça' (ou, na verdade, o 'racismo') tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classe), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e as práticas das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros — ou dominá-los (MBEMBE, 2016, p. 128).

Sem dúvida, há uma política de morte ceifando vidas, alicerçada por um poder soberano permeado de mecanismos e tentáculos capazes de imobilizar, dominar e alienar o ser. No conto Ana Davenga, de Conceição Evaristo (2016, p. 21-30), por exemplo, a criança que estava na barriga de Ana não teve direito de opção de viver ou morrer, a mãe, no dia do aniversário de vinte e sete anos de idade foi metralhada pela polícia, juntamente com o pai Davenga. Nas palavras da autora: "Na favela, os companheiros de Davenga choraram a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga". Davenga acumulava crimes, mas não há indício no conto sobre o caráter de Ana. Por que Ana não foi poupada? A ficção e realidade se encontram na escrevivência de Evaristo.

Outro conto que traz a mulher como protagonista é Duzu-Querença (p. 31-37), mais uma vez com a presença da morte no contexto da narrativa. Uma morte física e a simbólica marcada pela negação social do ser. Duzu-Querença era uma mendiga que morre nas escadarias de uma igreja, como se não fosse ninguém ou apenas um lixo incômodo. E como a história de Duzu se assemelha com tantas outras mulheres que deixam a casa dos pais com a promessa de estudos, mu-

dança de vida, mas são cooptadas para a prostituição ainda criança, nem os nove filhos foram suficientes para livrá-la da mendicância. A negação do outro é bem presente desde os primeiros parágrafos,

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficando presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ele lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (EVARISTO, p. 31).

A mendiga poderia “atrapalhar” as pessoas que transitavam nas proximidades da igreja, muitos, provavelmente, buscavam na religião uma “paz espiritual” para alma, enquanto na porta da igreja não notava os mendigos, como Duzu, uma mulher usando trapos, suja, faminta e sofrida. Provavelmente, diferente da criança usada precocemente para o sexo. E desde cedo não passava de um corpo violentado pelos cafetões, parceiros e vida. Duzu-Querência aprendeu a conviver com a dor, buscando nos sonhos a razão para a sobrevivência. Isso porque,

Estava chegando a época em que sofrer era proibido. Mesmo com toda a dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago, com o frio rachando a pele de muito, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer (EVARISTO, p. 35).

Para muitas mulheres que moram em favelas “sofrer é proibido”, pois elas convivem com viver-morrer diariamente. E essa vida-morte serve de inspiração para escritora como Conceição Evaristo, que também traz a experiência de ter vivido em uma favela em Belo Horizonte. Enquanto a protagonista Ana Davenga é assassinada pela polícia, Duzu-Querência é morta silenciosamente pela própria sociedade. A

prostituição infantil é uma forma de matar a criança lentamente, e a ausência do poder Estado faz com que situações semelhantes a ficcional, sejam repetidas em nossa sociedade.

E quando falamos da morte, retomamos Mbembe que busca em Hegel fundamentação sobre o tema e contribui assim:

A concepção da morte, para Hegel, está centrada num conceito bipartido de negatividade. Primeiro, o ser humano nega a natureza (negação exteriorizada no seu esforço para reduzir a natureza a suas próprias necessidades); e, em segundo lugar, ele ou ela transforma o elemento negado por meio de trabalho e luta (MBEMBE, 2016, p. 125).

E essa negatividade atrelada a concepção de morte é muito constante nos contos de Evaristo, no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a protagonista não aceita os três primeiros filhos por não desejar, não passar por uma gravidez planejada, com isso, os filhos são rejeitados ao nascer. Para Natalina, a primeira gravidez na adolescência, ela opta pela fuga, e de certa forma, a criança ao ser entregue a enfermeira ao nascer, deixa de existir para a mãe. Do modo quase semelhante acontece com a segunda gravidez, dessa vez, é o pai quem carrega a criança. Os patrões assumem o terceiro filho, ignorando totalmente a mãe, que cedeu a barriga e o corpo ao patrão, para gerar a criança. Somente, na quarta gravidez, vítima de estupro, Natalina, sente que aquele seria o seu filho desejado. Uma contradição, igual a própria vida marcada pelas violências sofridas.

Um outro conto marcante é “Maria” uma empregada doméstica que é morta por populares num coletivo, simplesmente, porque conversou com um dos bandidos que roubou os passageiros do ônibus, o pai do seu primogênito. Até que ponto, negros e pobres não podem ter amizades com bandidos? Maria (p. 39-42) traz o retrato de uma violên-

cia urbana gritante, onde não há segurança nos transportes públicos, todos os dias muitos são vítimas de furtos e roubos. Maria, a mulher negra, vítima da discriminação racial, econômica e social é linchada até a morte, como muitas outras “marias” são mortas diariamente, porque ousou conversar com alguém, ou desistir de um relacionamento abusivo, talvez, ou por ser “Maria” ou “Marielle” e defender os direitos da mulher negra. O viver-morrer era uma realidade, no entanto o medo de Maria, não era o lado da morte, nem dos assaltantes, mas da vida. Uma vida de sofrimento, injustiça, invisibilidade, preconceito e morte. Das asperezas da vida, Maria ouve: “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho.” (EVARISTO, p. 41).

As violências contra “Maria” aparecem na narrativa para diminuí-la perante os outros passageiros, e “puta safada”, “negra safada”, negra atrevida”, “lascando um tapa no rosto”, “voando em cima de Maria”, “lincha” entre outros, isso porque “quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.” (idem, p. 42). Por mais de uma vez, a conduta moral de Maria foi usada de forma pejorativa para agredi-la, o fato de a empregada doméstica não ter sido roubada como os demais passageiros, não a torna “puta”, nem “safada”, o sistema capitalista contribui para invisibilizar uma trabalhadora como Maria, pois a função social desempenhada não eleva o status social.

Embora se possa dar a mulher uma excelente preparação técnica, o sistema capitalista não lhe oferece uma socialização capaz de determinar sua personalidade como trabalhadora, em sua integridade. Não se forma na personalidade feminina a totalidade dos componentes que transformam um membro da sociedade em um trabalhador adaptado ao esquema produtivo do capitalismo (SAFFIOTI, 1984, p. 23).

Os contos apresentados descrevem as faces da violência contra a mulher negra, pobre, geralmente moradora de um barraco, menina-mulher que aos treze anos engravida, apanha dos cafetões, dos clientes, apanha diariamente da vida. “Ana Davenga”, “Duzu-Querência” e “Maria” morrem diariamente nas camas de seus parceiros, nas escadarias das igrejas ou nos transportes públicos, fazendo parte da estatística de mortalidade contra as mulheres negras. No entanto, não podemos esquecer das “Natalinas” que naturalizam os abusos dos patrões em nome da sobrevivência de exploração e discriminação racial. Vejamos a seguir como alguns contos de Conceição Evaristo foram desmontados na Educação Básica.

A desmontagem literária de contos de Conceição Evaristo na Educação Básica

Quando olhei para Maria
Vi os olhos rasos d’água
Era muito sofrimento
que doía até a alma.

Muitos filhos tinham Maria
Era sofredora de montão
Acordava cedo para labuta
Para servir o seu patrão

De volta para sua casa
Sofreu uma decepção
O pai do filho que tanto amava
Era assaltante de arma na mão.

E temendo pela vida
Maria argumentou
Os agressores sem piedade
Maria crucificou.

Quando o sangue do seu corpo
Espalhou-se pelo chão

Não teve jeito, não teve não
O corpo morto foi para o caixão.
(Paródia Maria³ — Asa Branca).

É imprescindível investir na formação do professor para que a leitura chegue até os alunos, e quando falamos de desmontagem de contos da escritora mineira Conceição Evaristo os investimentos são maiores, porque não há livros da escritora em nossas bibliotecas. O primeiro passo para aplicarmos a desmontagem é o conhecimento, só desconstruímos, só multiplicamos e espalhamos a literatura quando a conhecemos. Isso porque desmontar, não é destruir, pelo contrário é investir na leitura, releitura, desleitura para ampliar o texto lido, relido e deslido, a fim de que ele atinja um público maior.

Sem sombra de dúvidas, muitos professores não conheciam a literatura de Conceição Evaristo, pelo menos com a amplitude que demos a escrita dessa escritora. E quando iniciamos com a Paródia Maria, baseada na música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, significa dizer que os coordenadores pedagógicos responsáveis pela leitura e apresentação do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, captaram a mensagem central do conto e repassaram em forma de canção. O conto passou de uma série discursiva para outra, a mulher foi marginalizada, violentada e pisoteada num transporte público, e os versos finais trazem as consequências da violência contra a Maria que “Não teve jeito, não teve não/ o corpo morto foi parar num caixão”.

E mais uma vez recorremos a Mbembe (2016) agora fundamentado em Bataille para falar sobre a morte, essa

³ Texto produzido Coordenadores Pedagógicos da rede municipal da cidade de laçu, Estado da Bahia. Em oficina “Olhos d’água” - Leitura e Escrita Criativa de Contos de Conceição Evaristo, formação promovida pela Secretaria Municipal de Educação, realizada em 5 de setembro de 2018. Disponível in: <https://toquepoetico.wordpress.com/2018/09/11/4370/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

morte que captura a vida, assim como aconteceu com “Maria” durante a volta do trabalho para cuidar dos filhos, o direito à vida lhe foi negado por pessoas, assim como ela, usavam o transporte público. Percebemos o quanto as violências vão se naturalizando, conseqüentemente, ninguém está imune, e parceiros e parceiras se sentem no direito de praticar a justiça com as próprias mãos, buscando o mais fraco para exteriorizar o ódio. “Para Bataille, a vida é falha apenas quando a morte a toma como refém. A vida em si só existe em espasmos e no confronto com a morte” (idem, p. 125).

Os contos foram para além da música, cada equipe utilizou um gênero discursivo diferente para socializar a leitura através de cartazes, poesias, charges e peça teatral. Eis a desmontagem literária! A formação dos coordenadores iniciou com a palestra da escritora Conceição Evaristo, na Feira Literária de Mucugê/ Fligê. Assim, a mobilização foi feita através de Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal de laçu para proporcionar a participação presencial de trinta e três professores. Cada professor(a) participante, serviu de multiplicador da literatura de Conceição Evaristo, e através de táticas inventivas, os textos foram sendo apropriados e multiplicados, com ajuda das redes sociais, as produções dos professores/ coordenadores pedagógicos eram socializadas.

Para Certeau (2018) tática é arte do fraco, sem local definido, com isso podemos afirmar, através de táticas criativas, inventamos o cotidiano literário. Com o conto “Olhos d’água” conseguimos o poema “Olhos d’água”, tática utilizada pela professora autora para fazer com que o texto chegasse até a educação infantil.

Mulher com sete filhas
Sofredora que só ela
Tinha uma vida muito difícil
Morava em uma favela

Todos os dias de sua vida
Lavava e passava roupa de montão
Como ganhava pouco dinheiro
Faltava comida, frutas não tinha não.

Para enganar a fome das filhas
Fecha os olhos! A mãe pedia.
Uma nuvem do céu, de algodão doce fingia
E na boca das filhas conduzia.

O algodão doce era comido com alegria
Sem poder abrir os olhos, senão a comida sumia.
Pois a mágica era bem rápida.
E demorar, a rainha não podia

A filha chamada Conceição
Abria os olhos devagarinho
Para ver o algodão doce
Ou se tinha outra comidinha...
(Fragmentos da poesia Olhos d'água)⁴.

Através do poema criado foi possível levar a desmontagem do conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo para Educação Infantil, e a exploração por etapas ocorreu partindo das letras que formam o nome “Conceição Evaristo”. Levando para a escola imagens de favelas, notícias de jornal, atividades lúdicas e artísticas para associar a literatura de Conceição Evaristo a outras artes. Assim como o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” foi desconstruído e transformado em cantiga de roda parodiando o “Ciranda Cirandinha”, também, amplamente trabalhado com as crianças, principalmente na construção de brinquedos. A título de amostragem podemos conferir mais um fragmento;

Eram duas meninas pobres

⁴ Olhos d’água é conto que intitula o livro de Conceição Evaristo. O mesmo, após leitura e discussão foi transmutado para a poesia com o mesmo título, de autoria da pedagoga Janildes Luz, coordenadora da Educação Infantil. Disponível em: <https://toquepoetico.wordpress.com/?s=Olhos+d%27%C3%A1gua>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Que gostavam de brincar
Elas eram irmãs gêmeas
A Zaita e a Naita.

...

Uma flor da coleção
Zaíta guardava,
"Essa figurinha é minha!"
Dizia sua irmã danada.

...

Ao ver a menina sair
O lobo mau a seguiu
Logo sua irmã gritou
Zaita, volte logo, por favor!
(Fragmentos da Paródia Zaita esqueceu de guardar
os brinquedos⁵ — Ciranda cirandinha")

Os contos de Evaristo são preciosos, e a literatura associada a semiótica como defende Barthes (2001) faz girar saberes. O quanto a intersemiose nos ajudou a propagar narrativas que traçam perfis da nossa realidade, não é por acaso que a autora utiliza o vocábulo *escrevivência*, e afirmar que não escreve para agradar a elite, ou moradores "da casa grande", mas para inquietar, refletir, reler e desler. A semiósis defendida por Barthes, é uma força de liberdade de literatura, capaz de multiplicar os sentidos do signo e/ ou texto. E com a *desmontagem literária* que promovemos com os contos de Conceição Evaristo os sentidos são multiplicados a fim de atrair novos leitores. Em situações comuns, acreditamos que os textos apresentados, sem passar pelo processo de *desmontagem literária*, dificilmente, entrariam em escolas infantis. E toda a metodologia utilizada para atrair o público se voltou para *confecção de brinquedos, jogos de figurinhas, personificação da violência através do "lobo mau"*, sem esquecer a *intertextualidade com "Chapeuzinho Vermelho (Charles Perrault / Irmãos Grimm) montagem de favela na escola, grafite, entre outros recursos pedagógicos*.

⁵ Este conto traz a triste história de duas crianças pobres que brincavam, mas uma saiu de casa foi vítima de bala perdida.

Levar os contos de Conceição Evaristo para todas cinquenta e seis escolas da rede municipal não foi uma tarefa fácil, mas a educação precisa de mudança, e sem leitura, nada de novo acontece. Levar a favela para dentro das escolas foi algo marcante, porque muitos preconceitos caíram por terra. Há muita vida exalando das favelas, há muita arte, cultura, literatura e pessoas lutando para não serem invisibilizadas. E das favelas, dos becos das memórias saíram Carolina Maria de Jesus e a nossa homenageada Conceição Evaristo. Passemos para o momento de socialização dos resultados obtidos.

Rompendo o preconceito: Dia D de Conceição Evaristo para todas as idades

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez, agora, a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos (BARTHES, 2001, p. 47).

Barthes ao propor fugir da palavra gregária para ir além e buscar novos sentidos, de certa forma ele investe na fuga dos estereótipos, geralmente, “grudados” nos signos. Desse modo, desaprender, desmontar, desconstruir um signo literário, por exemplo, poderá ser o caminho a ser percorrido para descoberta de outros. Em nenhum momento a desmontagem literária é vista como única opção para levar textos com temáticas fortes para as escolas de Ensino Fundamental, porém com a prática da desconstrução foi possível criar um Dia “D” de Conceição Evaristo, na pequena cidade de laço e propagar a sua literatura em todas as escolas da rede municipal.

O novo e o desconhecido assustam, apesar das mulheres retratadas nos contos de Conceição Evaristo desempenharem funções sociais, geralmente, não são notadas socialmente, a não ser como alvo da violência. Um dos pontos analisados pelos coordenadores foi justamente trabalhar as violências contra a mulher nas séries iniciais. Durante o processo, professoras mais envolvidas, encontraram as respostas nas desmontagens literárias, através das próprias produções adaptadas, que preferimos o termo “desmontadas”, porque lemos e relemos o texto para que ele seja desmontado para atender um público maior. Pereira (2018), chama a atenção do ativismo de mulheres, na comunidade quilombola do Saquinho, mesmo quando a sociedade insiste em não as notar. E vimos a mudança de comportamentos de professoras à medida que se envolviam com o projeto. Talvez, porque “Todas as atividades desempenhadas pelas mulheres trazem no seu bojo densos significados sociais, culturais de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais dessas mulheres podem fazer delas independentes, empoderadas e líderes” (PEREIRA, 2018, p. 80).

Como Conceição Evaristo transitou pelas nossas escolas públicas? Podemos dizer que não houve uma escola municipal que não tenha parado para ler, discutir, encenar, dançar, pintar a literatura. O Dia D da Leitura de Conceição Evaristo foi uma festa! Pinceladas de como as escolas se prepararam para socializar as produções realizadas em cada sala de aula. Vale ressaltar que as ações metodológicas todas foram amplamente divulgadas nos espaços virtuais, vídeos da culminância ocorrida nas escolas da sede, dos distritos de João Amaro e Lajedo Alto e nas escolas da Zona Rural e do Campo estão disponíveis no you tube, no canal Toque Poético.



(fig. 1)

Na figura 1 traz as imagens do cenário da Escola "A", localizada em Iaçú, e se percebe que todo um cenário foi montado para a contação de histórias, declamação de poemas, danças, jograis. A desmontagem literária dos contos contidos no livro "Olhos d'água, na Escola "A", que atende o Fundamental I e II foi um sucesso. Todos e todas que não conheciam as produções da escritora mineira Conceição Evaristo, a partir da implementação do projeto, passaram a conhecê-la, inclusive há professores que tiveram a oportunidade de conversar com a própria autora no evento ocorrido na cidade de Mucugê. Porque o dia 28 de setembro de 2018 consolidou as leituras com o Dia "D" da Leitura.



(fig. 2)



(fig. 3)

As escolas infantis não ficaram de fora, muitas atividades lúdicas foram desenvolvidas durante todo o processo de execução do projeto, mas percebe-se que na figura 2, a Escola "B" conseguiu envolver estudantes portadores de necessidade especial e, "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos", "Lumbiá" e "Olhos d'água" foram os contos escolhidos durante o período de duração do projeto, nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Já na figura 3 temos o cenário da Escola "C" e chama a atenção, porque há uma representação da "Conceição Evaristo", bem interessante, pois oportunizou aos alunos dialogarem com "Conceição" após assistirem as apresentações de danças, poesias, encenações. Vale ressaltar que a Escola "C" está localizada no

distrito de Lajedo Alto, assim, ratificando a amplitude do projeto de leitura desenvolvido na cidade de Iaçu.



(fig. 4)

Se tudo começou numa favela, por que não levar a favela para a escola? Da favela saiu Conceição Evaristo! Na figura 4 temos a Escola "D" com mais um belo cenário. A Escola "D" está localizada na sede, atende o Ensino Funda-

mental I e II, foi mais uma que apresentou danças, poesias de Evaristo, peça teatral “Maria”, enfim, abraçou também o projeto de leitura. Como diz a professora Dra. Jailma Moreira é preciso se reinventar a cada dia, parece que nós conseguimos, quando implementamos um Dia “D” da leitura em que todas as escolas da rede municipal de laço. A preocupação sobre as violências contidas nos contos, deixaremos que a própria Conceição Evaristo responda: “A gente combinamos de não morrer”⁶. A violência não está nos contos, a violência está em casa, na rua, nos transportes públicos, nos restaurantes, os contos são ficcionais, mas a morte de Marielle Franco⁷, não foi ficção! E tantas outras mulheres, às vezes, invisíveis nas escadarias das igrejas, porém visíveis nos murais das escolas.

Fechando o livro e... Olhos d’água

Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia. Sentiu necessidade de arrancar os tênis que lhe prendiam os pés e deixou aquelas correntes abandonadas ali mesmo. Afundou os pés na areia e contemplou mais uma vez o mar (EVARISTO, 2016, p. 68).

Assim como Cida, do conto “O cooper de Cida” (p. 65-70), várias mulheres esquecem de si e executam as atividades como robôs. E neste conto traz a mulher que desempenha mil e uma funções, até um dia ela resolve apreciar a paisagem e enxergar-se como mulher, talvez, pela primeira vez. E a pesquisa nos leva a tais caminhos, antes intransitáveis. E quando “Cida” se livrou “das correntes”, sentiu-se livre, viva, mulher.

Há quem defenda que a desconstrução literária poderá prejudicar o prazer da leitura e circulação do texto original, mas

⁶ Título de conto de Conceição Evaristo, p. 99-109.

⁷ Marielle Francisco da Silva (1979-2018), socióloga e política, assassinada em 14 de março de 2018.

defendemos o oposto, a desconstrução ajuda na circulação do texto e o nome do autor é amplamente divulgado. Porque falar da literatura não tem como buscar uma essência, nem um significado único da realidade. Derrida (2014, p. 15), diz: "... o literário opera por significações e referências parciais e mediadas para com o real. A essência da literatura é mesmo não ter essência alguma, rasurando e deslocando a pergunta metafísica "o que é?", em proveito de um espaço irreduzível a qualquer ontologia".

E assim, vamos defendendo as práticas de desmontagens do literário que acontecem nas escolas públicas, muitas vezes, distantes dos espaços acadêmicos. E o livro "Olhos d'água" de Conceição Evaristo foi dialogado com outras artes e para diferentes públicos. E as produções estudantis romperam os muros das escolas, ganharam os espaços virtuais, as ruas, os jardins, porque cada escola a seu modo quis mostrar para a sociedade o quanto estavam contentes com os resultados obtidos. É possível dialogar com a literatura e a semiologia, e promover uma festa literária em todas as escolas. E fazer com que as "Cidas" sejam acordadas dentro de cada mulher. Isso porque,

Hoje ela não iria trabalhar, queria parar um pouco, não fazer nada de nada talvez. E só então falou significativamente uma expressão que tantas vezes usara e escutara. Mas falou tão baixinho, como se fosse um momento único de uma misteriosa e profunda prece. Ela ia dar um tempo para ela (idem, p. 70).

Há muito a ser discutido, pesquisado e desmontado para que chegue ao maior número possível de leitores. Com o projeto muitos professores adquiriram livros da escritora Conceição Evaristo, e outro ponto positivo foi conhecer o talento artístico de muitas professoras que publicaram nos espaços virtuais as produções desmontadas dos contos lidos. Porém, diante do aprendizado adquirido pelos nossos estudantes da Educação Básica o projeto cumpriu o seu objetivo.

Referências

AMORIM, Elisabeth S. A. Literatura em movimento e a transformação de leitores(as). *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana/ SE: Universidade Federal de Sergipe, v. 34, n. 1, p. 73-85, jul./dez. 2021.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. 2001. Pronunciada em 7 de Jan. 1997.

CERTEAU, Michel de. 2018. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte e Ensaios: revista do PPGAV/ UFRJ*, n 32, dez. 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de recontar, modos de (re)inventar-se. *Revista Diadorim*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3908>. Acesso em: 26 abr. 2022.

PEREIRA, Áurea da Silva. As memórias autobiográficas — o lugar das mulheres do Topa na comunidade do Saquinho. In: PEREIRA, Áurea da Silva. *Letramentos, empoderamentos e aprendizagens*, 2018, p. 25-84.

SAFFIOTI, Heleieth. *Mulher brasileira: opressão e exploração*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SEIDEL, Roberto Henrique. A materialidade do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra. In: FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina(Org.) *Desleitura: o autor e o leitor no jogo do texto*. Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Escritoras subalternas negras: Por que incluí-las nas aulas? Dossiê: Ensino de Literatura e diversidade Cultural. *Revista Fórum identidades*, ano 9, v.19, n.9, set — dez, 2015.

[Recebido em: 1 maio 2022 — Aceito em: 31 out. 2022]